

O Cancioneiro de Clínia: epigramas amorosos de Jean Visagier em tradução poética

Ricardo da Cunha Lima

Universidade de São Paulo (USP)

rcl@usp.br

RESUMO: Jean Visagier, membro do círculo humanístico de Lyon, publicou quatro obras em latim, dedicadas ao gênero epigramático, entre os anos de 1536 e 1538. Obediente às normas clássicas do epigrama, compôs a grande maioria deles em dístico elegíaco. A temática é muito variada, como é característico no gênero. Deixando de lado os epigramas encomiásticos e vituperiosos, a presente tradução se concentra em um conjunto de 30 epigramas amorosos, nos quais aparece como personagem central uma puella, chamada Clínia, que serve para representar as mais diversas cenas do relacionamento amoroso, tal como na elegia erótica romana. A forte tradição da Antiguidade, por outro lado, também é modulada por conceitos trovadorescos e petrarquistas. A tradução foi feita em versos metrificados. No caso do dístico elegíaco, optou-se por um dístico composto por um verso dodecassílabo e um decassílabo.

50

Palavras-chave: epigrama; Renascimento; literatura neolatina; dístico elegíaco.

Clinia's Chansonier: a poetic translation of Jean Visagier's love epigrams

ABSTRACT: Jean Visagier, a member of the humanistic circle of Lyon, published four epigrammatic works in Latin, between 1536 and 1538. Following the classical norms of the epigram, he composed most of them in the elegiac couplet. The range of their themes is large, as it is characteristic of the genre. Leaving aside the eulogistic and vituperative epigrams, the present translation focuses on a set of 30 love epigrams, in which a *puella* called Clinia is the central character and represents the most diverse scenes of the relationship with the *amator*, as in the erotic Roman elegy. The strong tradition of Antiquity, on the other hand, is also modulated by troubadour and Petrarchan concepts. The translation adopts metrified syllabic verses. In the case of the elegiac couplet, a couplet consisting of a 12- and a 10-syllable verse was chosen.

Keywords: epigram; Renaissance; Neo-Latin literature; elegiac couplet.

1. Sobre o autor e sua obra¹

Jean Visagier nasceu nos arredores de Reims, por volta de 1510, e faleceu em torno de 1542.² Sua formação ocorreu em Paris, no Colégio de Santa Bárbara. Depois de passagens por Bordeaux e Toulouse, Visagier passou a morar em Lyon, por volta de 1536. Entrou em contato com o impressor Sébastien Gryphe, foi membro do *sodalitium Lugdunense*, como era conhecido o círculo humanístico de Lyon, e fez amizade com outros poetas neolatinos, sobretudo Étienne Dolet e Nicolas Bourbon.

Na década de 1530, auge da produção neolatina na França, Jean Visagier, sob o nome latinizado de Ioannes Vulteius, escreveu quatro obras em latim, algumas das quais tiveram mais de uma edição diferente. Com efeito, em 1536 ele publicou em Lyon sua primeira obra, um volume de epigramas, intitulado *Epigrammatum Libri Duo*. Esse conjunto foi revisto e ampliado, sendo então publicado no ano seguinte, 1537, sob o novo título de *Epigrammatum Libri Quattuor*.³

Junto a essa nova edição dos seus epigramas, o autor incluiu sua segunda obra, intitulada *Xenia*, um conjunto de epigramas de louvor a dezenas de autoridades da época. Esse mesmo texto foi revisto e republicado em 1538, em Paris, com o título alterado para *Xeniorum Libellus*. Também em 1538, Visagier publicou sua terceira obra, intitulada *Hendecasyllaborum Libri Quattuor*. Nesse mesmo ano saiu sua quarta obra, os *Inscriptionum Libri Duo*. O estilo de Visagier é típico da produção literária classicista que circulava pela Europa na primeira metade do século XVI, com predomínio da poesia epigramática.

Nas peças em que decanta o amor nos moldes elegíacos, Visagier engendrou uma *puella* amada, a quem nomeou “Clínia”, imitando a sonoridade de “Lésbia”, “Délia” ou, especialmente, “Cíntia”⁴. Assim como nos modelos

¹ Agradeço ao pesquisador Tiago Augusto Nápoli, pelo auxílio na revisão do texto, bem como ao Prof. Dr. Marcelo Vieira Fernandes, pela ajuda na tradução de determinadas passagens. Agradeço, igualmente, aos pareceristas da *Rónai*, cujas sugestões levaram ao aprimoramento do trabalho. Finalmente, gostaria de esclarecer que o título do artigo faz alusão a uma obra do Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, meu antigo mestre, a quem desejei prestar, dessa forma, uma singela homenagem.

² As informações biográficas de Jean Visagier são escassas. Baseamo-nos nos dados fornecidos por Campanholo (2018, p. 10-17).

³ Quanto ao texto latino, seguimos VISAGIER, 1537; 1538. Até onde sabemos, a poesia neolatina de Jean Visagier não foi objeto de nenhuma edição crítica moderna, nem recebeu comentários, com exceção do Primeiro Livro dos *Inscriptionum Libri Duo*, que foi o *corpus* de pesquisa de uma Dissertação de Mestrado, defendida na Universidade de São Paulo, pela pesquisadora Silvia Helena Campanholo (2018). Por isso, os poemas apresentados neste artigo foram transcritos diretamente dos livros da época, conforme indicado ao longo do próprio artigo e na seção “Referências”.

⁴ Em sua Dissertação de Mestrado, Silvia Helena Campanholo indica outras possíveis motivações significativas do nome, a partir da associação de caráter etimológico com palavras representando o leito, sugerindo ideias de amor e morte, condizentes com a temática dos epigramas. *Vide* Campanholo (2018, p. 31-33).

clássicos, essa personagem serve para representar as mais diversas fases e cenas da paixão amorosa. Nos *Epigrammatum Libri Quattuor*, Clínia aparece em 46 poemas, dos quais selecionamos 22 para a presente antologia. Já nos *Inscriptionum Libri Duo*, há 14 poemas a respeito de Clínia, dos quais escolhemos 8 para tradução. Cabe notar que, nesta última obra, todos os poemas acerca da personagem se encontram no Livro I, não se tratando dela no Livro II. Desse modo, nos dois textos em foco, acima mencionados, o “cancioneiro de Clínia” é composto por 60 epigramas ao todo, dos quais este trabalho apresenta exatamente a metade, isto é, 30 peças. Para fazer a seleção, escolhemos epigramas que exemplificassem diferentes temas e modos de composição do autor, permitindo assim uma amostra significativa e ampla do cancionero.

2. Sobre o estilo dos poemas

Jean Visagier é obediente às leis tradicionais do gênero epigramático, tanto na temática quanto nos aspectos formais. Na questão da métrica, por exemplo, seguindo a lição da Antiguidade, ele privilegiou largamente o dístico elegíaco e usou com moderação alguns metros alternativos, de matriz lírica, sobretudo em peças encomiásticas, dirigidas a patronos e altas autoridades do reino. No caso de Clínia, 59 dos 60 epigramas sobre a *puella* foram compostos em dísticos elegíacos, numa predominância quase absoluta.⁵

O título dos poemas também é característico da poesia epigramática. Prevaecem opções simples, como *Ad Cliniam* ou *De Clinia*, que encabeçam 22 poemas dentre os 30 da seleção.⁶

Quanto à temática, chama a atenção a grande quantidade de epigramas que recorrem à tópica do “hidropirismo”, ou seja, poemas que exploram uma relação contraditória e mesmo paradoxal entre fogo e água para expressar o sentimento amoroso. Trata-se de uma manifestação literária muito difundida, em voga na época, grandemente influenciada pela poesia de Petrarca.⁷

Outro dualismo muito explorado na construção dos epigramas é aquele entretecido pela relação entre amor e morte. Há diversos poemas que emergem dessa tensão entre amor, como representante da vida, e morte, ao mesmo tempo irrealização e sublimação espiritual do amor. Nota-se, aqui, mais uma vez, a

⁵ A única exceção é um poema em hendecassílabos falécios.

⁶ Como nos informa Karl Enekel, no capítulo introdutório do livro *The Neo-Latin Epigram*, “the structure of Neo-Latin epigram titles is normally limited to three figures: ‘to somebody’ (address, dedication), ‘against somebody’ (invective, polemic) or ‘about something/somebody’” (BEER; ENENKEL; RIJSER, 2009, p. 13). A limitação de que Enekel fala se reflete nos três tipos de título mais comum, em latim, para os epigramas: *ad quendam*, *in quendam* e *de quodam*, bem como, para intitular as variações, *ad eundem/eandem*, *in eundem/eandem* e *de eodem/eadem*.

⁷ Pierre Laurens dedica um capítulo inteiro de seu livro a esse tema, intitulado “Hydropyriques”. Vide Laurens (2012, p. 485-532).

influência de Petrarca e do pensamento cristão, responsáveis por uma certa novidade conceitual em relação à elegia erótica romana.⁸ Nesse sentido, é muito eloquente o fato de que os epigramas do ciclo de Clínia terminem com a morte e a apoteose da *puella* amada, que encarna, na expressão do autor, *uatis Vultei uitaque morsque* (“vida e morte do poeta Visagier”).⁹

3. Sobre a tradução

Seguindo uma proposta utilizada, entre outros, por João Angelo Oliva Neto, mantivemos a disposição do dístico na tradução do poema, pois, como referiu esse professor e pesquisador, em sua tradução dos poemas de Catulo, o metro é elemento essencial e estruturante da poesia antiga.¹⁰ Assim, de modo semelhante à fórmula adotada por Oliva Neto, utilizamos o dístico composto por um dodecassílabo e um decassílabo para representar o dístico elegíaco latino.¹¹ Mantivemos, pois, em cada epigrama traduzido, o mesmo número de versos e dísticos da peça original. Cabe notar que não nos restringimos a um ritmo poético único, mas usamos, com liberdade, variadas opções rítmicas oferecidas pela tradição da poesia em língua portuguesa, tanto para o dodecassílabo como para o decassílabo.

Ao converter uma versão inicial da tradução, feita em prosa, para esta versão poética final, procuramos selecionar os elementos que nos pareceram os mais importantes na composição de cada poema, seja a ideia central do epigrama, sejam os elementos formais mais relevantes em cada um deles, como uma repetição de palavras ou uma paronomásia, uma determinada aliteração, um posicionamento de palavras altamente significativo, um recurso ou uma figura de expressão que constituísse o cerne da expressão poética.

⁸ Foge ao escopo deste trabalho de tradução poética um comentário investigativo sobre as raízes petrarquistas e cristãs dos epigramas de Visagier, característica que, aqui, apenas indicamos. Sobre o assunto, sugerimos a leitura da obra *The Icy Fire: Five Studies in European Petrarchism*, de Leonard Forster (1969).

⁹ Para um estudo do estilo de Visagier e uma análise interpretativa da morte de Clínia, remeto à Dissertação de Mestrado de Silvia Helena Campanholo (2018).

¹⁰ Longe de menosprezar ou negligenciar os muitos professores/tradutores que têm trabalhado com o dístico elegíaco clássico, produzindo traduções e reflexões sobre seu uso, mencionamos particularmente João Angelo Oliva Neto, a fim de enaltecer a importância do seu trabalho, pioneiro, no ambiente universitário brasileiro, no uso da fórmula aqui referida do dístico elegíaco. A nosso ver, sua tradução dos poemas de Catulo, assim como sua atuação como professor orientador de Pós-Graduação, foi determinante para a difusão dessa solução de tradução. Também se trata de expressar, pela menção, um reconhecimento de seu trabalho como modelo da presente tradução poética. O uso do dístico formado por dodecassílabo e decassílabo para verter o dístico elegíaco clássico já possui uma longa história, anterior e posterior a Oliva Neto; não cabe aqui detalhá-la, mas sugerir, como um bom ponto de partida para a conhecer, a coletânea de artigos e traduções do número 15 dos Cadernos de Literatura em Tradução (Especial Letras Clássicas) (OLIVA NETO, 2015).

¹¹ Cf. Oliva Neto, 1996, p. 57: “Os dísticos elegíacos (...) traduziram-se também em dísticos, de 12 e 10 sílabas, por crer-se essencial o movimento rítmico binário”. Uma explicação mais detalhada se encontra em Oliva Neto (2015).

Evidentemente, a circunscrição do texto a um espaço métrico restrito levou a inevitáveis perdas do vocabulário original, opção feita em nome do valor poético da expressão métrica.

Excepcionalmente, quando julgamos importante, incluímos comentários aos poemas, em forma de notas de rodapé, para salientar algum aspecto da construção do epigrama que possa ter escapado à tradução ou a esta breve introdução.

Cabe ainda chamar a atenção para o fato de que, embora tenhamos seguido o modelo de João Angelo Oliva Neto na estrutura métrica, nos afastamos dele ao escolher o tratamento do interlocutor poético por “você”, e não “tu”, como fez Oliva Neto e como têm preferido muitos tradutores da área de Letras Clássicas. Longe de defender esta opção como a mais correta, quisemos apenas apresentar, de forma experimental, uma alternativa de tradução que se inscrevesse na língua falada e escrita atualmente, em certo estrato da cidade de São Paulo, não somente no âmbito cotidiano, mas também literário, no qual se pode observar o uso do pronome “você”, inclusive, no cancionero amoroso.

Por outro lado, a escolha do “você” levou a certas situações difíceis de lidar, como o problema da métrica, em algumas ocasiões, ou a ambiguidade e maior profusão dos pronomes. Tentamos lidar com tais questões da melhor maneira possível, a fim de nos mantermos dentro do critério adotado. Convém que o leitor avalie com rigor crítico o resultado alcançado.

Na sequência, apresentamos primeiramente o texto latino de cada poema, seguido imediatamente por sua tradução.

4. Texto latino e tradução

4.1 *Epigrammatum Libri Quattuor*

Da obra *Epigrammatum Libri Quattuor* (*Quatro Livros de Epigramas*, Lyon, Michel Parmentier, 1537)

Liber I

Do Livro I

AD CLINIAM

Quae uiolas uiolis mentem uiolentius, oro,

Nec uioler uiolis: fac uioles uiolas.

PARA CLÍNIA

Você viola com violetas minha mente.

Não me viole; viole as violetas!¹²

CLÍNIA RESPONDET

*Qui uultum uultu, Vultei, ardentius uris,
Illa meas uiolas fac tua flamma uoret.*

CLÍNIA RESPONDE

Visagier, que arde o rosto com meu rosto, ardente:¹³

Devore seu fogo minhas violetas.

DE CLÍNIA

*Me niue candenti petiit modo Clinia, rebar
Igne carere niuem, nix tamen ignis erat.*

SOBRE CLÍNIA

Com neve ardente Clínia me acertou; pensei

Não ter fogo a neve... A neve era fogo.¹⁴

¹² A violeta é flor primaveril e, sendo um presente oferecido pela mulher ao poeta, simboliza tanto a própria mulher quanto o sentimento amoroso. Em seu artigo “L’Élégie *In Violas* de Politien: création poétique et réflexion métatextuelle” (GALAND, 1986), ao analisar o uso da imagem da flor por Poliziano, Perrine Galand mostra que a violeta representa não só a mulher amada, mas, metapoeticamente, a poesia. Virginie Leroux (2018), em seu artigo “Jules-Cesar Scaliger juge de Politien”, confirma o uso simbólico e metapoético da violeta em textos renascentistas. Podemos observar aqui em Visagier, igualmente, o uso da violeta para representar não somente o corpo da mulher e seus atributos sedutores, mas também, subliminarmente, a inspiração que ela provoca e a poesia resultante disso. O sentido metafórico múltiplo é reforçado pelo emprego do verbo *uiolo* (“violar”) em diferentes acepções possíveis, como “perturbar”, “profanar”, “dessacralizar”, “sujeitar” ou “violar sexualmente” (cf. *OLD, sub uoce uiolo*).

¹³ A construção deste poema, assim como ocorreu no anterior, se baseia fortemente na aliteração do “u” semiconsonantal, que, sobretudo aqui, não foi plenamente reproduzida na tradução. De fato, Visagier cunhou seu nome latino *Vultei* a partir de *uultus*, o que lhe permitiu a paronomásia aliterante *uultum uultu Vultei* no primeiro verso deste epigrama, correspondente, no francês, a uma paronomásia entre *visage* e Visagier. No português, a tradução de *uultus* por “rosto” desfez o jogo de palavras. O uso estratégico de aliterações e paronomásias na elaboração dos poemas é constante em Visagier.

¹⁴ Este epigrama parodia uma peça incluída na *Antologia Latina* e atribuída, no Renascimento, a Petrónio, cujos versos iniciais são: *Me niue candenti petiit modo Iulia; rebar / Igne carere niuem; nix tamen ignis erat*. O epigrama da Antiguidade foi extensamente imitado e parodiado durante a Renascença, em latim e em francês. Pierre Laurens, em sua obra *L’abeille dans l’ambre*, defende a atribuição a Ovídio e analisa o poema, bem como suas principais imitações. Vide Laurens (2012, p. 231-234) e também Laurens (2007, p. 152-154 e 362).

DE SEIPSO CLINIA LOQUITUR

*In nos uerte tuum, Vultei candide, uultum,
Vultum, qui nostris est medicina malis.
Aspice languentem, morientem cerne puellam,
Quam medicina nequit, tu releuare potes.
Vultei fer opem, tua te charissima¹⁵ poscit.
Ni faueas, languens et premor, et perimor.*

CLÍNIA FALA DO PRÓPRIO POETA

Cândido Visagier, dirija a mim seu rosto,
Rosto seu que é o remédio dos meus males.
Veja sua garota abatida, morrendo:
Não remédios, você pode salvá-la.
Visagier, traga a cura, sua amada pede.
Se não me ajudar, murcha sofro e morro.¹⁶

56

AD CLINIAM

*Tu sine me, sine te nec possum uiuere: nam tu
Pars uitae, atque ego sum dimidiata tuae.
Quicquid enim facio, sine te nihil esse putatur:
Hoc sine me uanum quicquid et ipsa facis.
Quod meditor sine te, uanas uanescit in auras,
Illa etiam, sine me quae meditare, fluunt.*

PARA CLÍNIA

Não podemos viver assim, sem um ao outro:
Um é parte e metade da outra vida.
Tudo que faço sem você não vale nada,
Tudo que você faz sem mim é vão.
Tudo que penso sem você esvai na vã brisa,
E o que pensa sem mim também escorre.

¹⁵ Mantivemos, no texto latino, a grafia original dos livros do século XVI, ainda que isso possa provocar um eventual estranhamento, no caso de algumas poucas idiossincrasias da época, como as formas “chara” (para “cara”) ou “lachryma” (para “lacrima”).

¹⁶ Vários poemas de Visagier, sob influxo do trovadorismo provençal e do petrarquismo, aproximam amor e morte. A separação dos amantes, a impossibilidade ou a irrealização do ato amoroso e o sofrimento da paixão amorosa são tópicos que, ao culminar com a morte, se coadunam tanto com a origem da poesia epigramática enquanto inscrição tumular, quanto com o caráter do dístico elegíaco. A peculiaridade, dentre os demais epigramas de Visagier, é o fato de ser a *puella* a declarar seu sofrimento e morte, recordando-nos, por exemplo, as *Heroides* de Ovídio.

DE CLINIA

*Candida subridens mihi dixit Clinia, mittam,
Ante duos uiolas, lilia, mala, dies.
A fronte, a tergo, circum circa ipse reflecto,
Ad dextram, ad laeuam, terque, quaterque oculos.
Expecto donec ueniant promissa, puellae
A domina pacto tempore dona ferunt.
Vultei, quae maior erat, sic ore locuta est,
Accipe, sunt Dominae munera parua tuae.
Accipiens munus reddo pro munere grates,
Et dominam iubeo rite ualere meam.
Dum studeo os, oculos, nares hoc pascere dono,
Nil nisi pictura est, quod dedit illa mihi.
Cerea pruna, nuces, uiolas, et lilia, anethum,
Contexta et misit laureaserta manu.*

SOBRE CLÍNIA

Linda Clínia, sorrindo, me disse: “Em dois dias
Lhe envio violetas, lírios, maçãs”.
Me reviro pra frente, pra trás, ao redor,
À direita e à esquerda, mil olhares.
Aguardo a vinda das promessas; as meninas
Trazem no prazo acordado o presente.
“Visagier” – a maior assim falou. – “Aceite,
São lembrancinhas da sua Senhora.”
Aceito, agradecendo a elas o presente,
E rogo à minha dona passar bem.
Quando vou deleitar-me todo com o presente,
É pura imagem o que ela me deu.
Frutas, nozes, violetas, lírios são de cera,
numa coroa de louros tramados.¹⁷

¹⁷ Este epigrama é ilustrativo das técnicas de composição da poesia neolatina do Renascimento. Podem ser identificados e reconhecidos variados trechos ou expressões, oriundos de diferentes poetas clássicos, que servem de modelo canônico para a elaboração poética. Por exemplo, “*sic ore locuta est*” (VIRGÍLIO, *En.* I, 614), “*munera parua*” (TIBULO, III, 1, 24 e III, 7, 7; OVÍDIO, *Ars*, II, 256), “*pro munere grates*” (MARCIAL, XII, 9, 3), “*dum studeo*” (TERÊNCIO, *Ad.* 868 e *An.* 822), “*cerea pruna*” (VIRGÍLIO, *Ecl.* II, 53 e *Copa*, 18), “*laureaserta*” (OVÍDIO, *Tr.* II, 1, 172; LUCANO, *B. C.*, VII, 42). Além disso, o vocabulário em geral lembra o convite ao amor e o *locus amoenus* construídos por Virgílio na *Écloga II* ou no poemeto *Copa*, da *Appendix Vergiliana*; porém, com novo significado para o termo *cerea*.

AD CLINIAM

*Plus oculis, plus fratre meo te semper amabo,
Plus patre, plus matre, et plus atavis, tritavis,
Si modo, quod paruum est, praestes mihi Clinia, quaeris,
Vultei hoc quidnam est? te scio scire satis.*

PARA CLÍNIA

Pra sempre eu vou te amar, mais que meus próprios olhos,
Mais que meu pai, mãe, avós, trisavós,¹⁸
Se me oferecer algo, Clínia, que é pequeno.
“Visagier, o que é?” Sei que você sabe.

Liber II

Do Livro II

AD CLINIAM

*Dissimulo, et nequeo nostrum celare dolorem,
Frons loquitur, quicquid dissimulare uolo.
Absentis cruciat Vultei nomen amicae,
Dissimulare uolens, dissimulare nequit.
Discrucior, laceror, morior, perimorque, premorque,
Demere nec curas ulla medela potest.
Clinia sola potes tantum lenire dolorem:
Conueniens morbo nam medicina meo es.
Quod mergar, frangar, patiar, doleamque, gemamque,
Quod peream, caussa es Clinia sola mihi.
Vis tibi, uis fatear uerum mea Clinia? nostri
Sola mali caussa es, sola salutis eris.*

58

PARA CLÍNIA

Disfarço, mas não posso esconder minha dor:
Meu rosto fala o que quero esconder.
Distante a amada assim tortura Visagier:
Ele quer disfarçar, mas não consegue.
Estou ferido, morto, abatido, arrasado,
E nada pode tirar minha angústia.
Só você, Clínia, pode aliviar tal dor,

¹⁸ Esta enumeração lembra o verso 57 da peça *Persa*, de Plauto.

Se achegando, remédio do meu mal.
Que eu esteja sofrendo, doendo e gemendo,
A única causa, Clínia, é você.
Você quer, minha Clínia, que eu diga a verdade?
Só você é a causa e será a cura.

AD CLINIAM

*Corpus habes longum, collum, mea Clinia, crines,
Veste, oculis pulla, et tota superciliis
Guttur habes niueum, dentesque, manusque puella,
Cunctaque, queis placuit candida Maia Ioui,
Ergo puellarum belissima Clinia iure es,
Ornamenta tui corporis ista probant.*

PARA CLÍNIA

Seu corpo esguio, cabelos longos, minha Clínia,
Negros os olhos, sobancelhas, vestes.
Branco o pescoço, os dentes, mãos, garota, e tudo
Com que a linda Maia agradou a Júpiter.¹⁹
A mais bela garota, portanto, é você,
E os ornamentos do seu corpo o provam.

AD CLINIAM

*Ad mammas aditus, facilisque ad basia, collum,
Brachia, crura, manus, tempora, labra, genas,
Amplexusque tuos facilis mihi ianua: quare
Clausa est ad cunnum Clinia porta tuum?*

PARA CLÍNIA

É tão fácil o acesso a seus peitos e beijos;
A seus braços, pernas, mãos, testa, lábios;
Seu abraço é uma porta fácil. Por que está
Fechado, Clínia, o portal da boceta?²⁰

¹⁹ Na mitologia clássica, a ninfa Maia era uma das Pléiades, filha de Atlas. Seduzida por Júpiter, gerou Mercúrio.

²⁰ Raro caso de vocabulário obsceno em Visagier, *cunnum* (traduzido por “boceta”) demonstra que a *uarietas* é empregada com certa restrição moral pelo autor epigramático.

BLANDITVR CLINIAE

*Te sine iam morior, sine te mea Clinia nullus
Sum, sine te durum est uiuere, dulce mori.
Clinia, quaeso, ueni, mea Clinia, totus aduror,
Vt stipula flammis, Clinia, quaeso, ueni.
Nympha ueni nymphis o pulchrior omnibus, albis
Mollior o cunctis, Puniceisque rosis.
Albior o niueis uiolis, fulgentior astris
O rutilus, clara lucidiorque die.
Charior o gemmis, fuluo quoque charior auro,
Clarior o placidis Clinia semper aquis.
Huc adsis, uenias mea Clinia, Clinia, quaeso,
Cor cordi, et femori Clinia iunge femur.
Os ori, atque oculos oculis mea Clinia necte,
Candidulasque genis Clinia iunge genas.
Dulcia coniungas mea Clinia labra labellis,
Omnibus et membris omnia membra, precor.*

SEDUZINDO CLÍNIA

60

Sem você estou morrendo, minha Clínia, nada
Sou, é duro viver, doce morrer.²¹
Vem, Clínia, peço, minha Clínia, estou ardendo,
Como lenha no fogo, Clínia, vem.
Vem, mais bela que todas as ninfas, mais doce
Que todas as rosas brancas e púrpura.
Mais branca que violetas níveas, mais brilhante
Que estrelas, mais que o dia reluzente.
Mais desejada que diamantes e que o ouro,
Mais clara, Clínia, que águas sempre plácidas.
Para cá, venha, minha Clínia, Clínia, peço,
Unamos corações e coxas, Clínia.
Na boca a boca encoste, nos olhos os olhos,
Una seu rostinho lindo ao meu rosto.
Reúna aos meus seus doces lábios, minha Clínia,
E todo o seu corpo a todo o meu corpo.

²¹ Para indicar o “morrer de amor”, a expressão *dulce mori*, de andamento dactílico, é muito frequente no Renascimento.

DE CLINIA

*Clinia, me aspiciens, placeo tibi, sat scio, dixit.
Respondi, uerum est Clinia, sola places.
Sed mihi cum placeas, placeam tibi Clinia, dixi:
Ignes extinguet sic tua flamma meos.*

SOBRE CLÍNIA

Clínia, me olhando, disse: “Bem sei que lhe agrado”.
Respondi: “Só você me agrada, Clínia.
Porém, por me agradar, vou lhe agradar:
Assim sua chama apagará meu fogo”.

AD CLINIAM

*Est amor ipse mihi dulcis, nec amaror, et error,
Est mihi sed casto dulce in amore mori.*

PARA CLÍNIA

O amor me é doce, não é erro ou amargor,
Mas... me é doce no casto amor morrer.²²

AD CLINIAM

*Absens absentem torques quid Clinia amicum?
Si me uis uiuum chara uidere, ueni.
Quid tibi rura placent? urbis quid commoda temnis?
Clinia chara, precor, Clinia chara ueni.
Cuncta odiosa mihi sine te mea Clinia: quare,
Si me uis uiuum chara uidere, ueni.
Iam quoniam dulci procul extas Clinia ab urbe,
Ingrata ingratum hac uiuere in urbe mihi est.
Si uenias dulcem subito mea Clinia in urbem,
Gratum erit hac grata uiuere in urbe mihi.*

PARA CLÍNIA

Por que você tortura o amante ao longe, Clínia?
Se quer me ver vivo, meu amor, vem.
Por que não fica no conforto da cidade?

²² A paronomásia *amore mori* (“no amor morrer”), que fecha o poema, se encontra já em Propércio (II, 1, 47) e Ovídio (*Am.* II, 7, 10 e *Ars*, I, 372), e foi muito reproduzida no Renascimento. Como dito anteriormente, a aproximação de amor e morte é recorrente em Visagier.

Clínia, amor, por favor, Clínia, amor, vem.
Tudo pra mim é detestável sem você:
Se quer me ver vivo, meu amor, vem.
Porque você está longe da doce cidade,
É ingrato viver na cidade ingrata.
Estando, minha Clínia, na doce cidade,
É grato viver na cidade grata.

AD CLINIAM

*Sola iaces: iaceo solus quoque Clinia. quare?
Tu mihi das caussam Clinia, doque tibi.
Me tibi, teque mihi iungant si numina, tecum
Complebo uitae tempora laeta meae.*

PARA CLÍNIA

Você deitada só; eu também só. Por quê?
Você me dá motivos, e eu lhe dou.
Se os deuses nos unirem, eu, você, nós dois,
Completarei minha vida feliz.

AD CLINIAM

*Vt faciam uersus de te mea Clinia poscis,
Immortale tuum nomen ut esse queat.
Immortale bonum immortalis det tibi uirtus:
Nam mea Musa nequit, quod cupis ipsa, dare.*

PARA CLÍNIA

Sobre você me pede versos, minha Clínia,
Para conseguir um nome imortal.²³
Que a virtude imortal lhe dê um bem imortal,
Pois minha Musa não vai conseguir.

²³ A tópica da imortalidade da fama obtida por meio da poesia, bem estabelecida na Antiguidade, é frequente no Renascimento e aparece em alguns epigramas de Visagier. Embora, aqui, o poeta anuncie uma posição de humildade, uma autodiminuição, mais adiante vai declarar que seus versos tornaram Clínia célebre.

AD CLINIAM

*Cur lachrymis flammam compescam Clinia, anhelans,
Causa est, si nescis, me tuus urit amor.
Viuere nec possum posthac, te sospite, sospes,
Gratia praesentem ni tua praestet opem.*

PARA CLÍNIA

Por que apago com lágrimas as chamas, Clínia?
Você não sabe? Seu amor me queima.
Mas não posso viver mais assim, são e salvo,²⁴
Sem ganhar sua graça salvadora.

DE CLINIA

*Assidue extorquet nostros mea Clinia libros,
Si mihi pro libris uult dare labra, dabo.*

SOBRE CLÍNIA

Minha Clínia me rouba os livros todo o tempo.
Se, em troca, me der beijos, posso dá-los.

AD CLINIAM

*Quid iactas, tibi me uitam debere, puella?
Nil homini, at soli debeo cuncta Deo.*

PARA CLÍNIA

Você se orgulha disto, que eu lhe devo a vida?
Nada devo a ninguém, mas tudo a Deus.²⁵

Liber III

Do Livro III

²⁴ A expressão *te sospite, sospes* se encontra em Ovídio, *Heroides*, XIX, 206. Entre os imitadores, no Renascimento italiano, temos o Panormita, na obra *Hermafroditus*, II, 9, 20, e Filippo Buonaccorsi, conhecido como Calímaco Experiente, nos *Carmina*, 36, 74.

²⁵ A doutrina cristã, embora pouco explícita no cancionário de Clínia, é frequente na poesia de Visagier. Por outro lado, a posição dos poemas que apresentam um fundo cristão ou uma clara exposição do cristianismo é muito significativa. Aqui, temos o fechamento do livro II. Mais adiante, veremos que os poemas finais sobre Clínia opõem uma visão cristã à mitologia clássica.

AD CLINIAM

*Nota prius nulli uiuebas Clinia, cunctis
Cognita sed uersu candida nympha meo es.
Te nunc mirantur proceres, te Gallia tota,
Nullaque non celebris patria te celebrat.*

PARA CLÍNIA

Sem ser antes notada, Clínia, por meu verso
É reconhecida, cândida ninfa.
Agora os próceres a admiram, toda a Gália;
Célebres pátrias celebram você.

AD CLINIAM

*Deficiunt uires, nequeo dormire, quid obstat?
A uultu nam te sentio abesse meo.*

PARA CLÍNIA

Estou exausto, mas não vou poder dormir,
Pois a sinto longe do meu olhar.

64

Liber IIII

Do Livro IIII

AD CLINIAM

*Qui cessare potest amor est, mea Clinia, fictus,
Nam cessat nunquam, qui bene coepit amor.*

PARA CLÍNIA

Se um amor é capaz de cessar, ele é falso,
Pois nunca cessa o amor que bem começa.

4.2 Inscriptionum Libri Duo

Da obra *Inscriptionum Libri Duo* (Dois Livros de Inscrições, Paris, Simon de Colines, 1538)

Liber Primus

Do Livro I²⁶

AD CLINIAM IRATAM

*Es peregrina mihi nimium, ratione nec ulla.
Hoc facto laudis nunquid habere putas?
Me spoliasse tuo quae nam uictoria amore?
An ne doles seruus quod tuus esse uelim?*

PARA CLÍNIA BRAVA

Você está tão distante de mim, sem razão.
Pensa que assim vai ganhar elogios?
É uma vitória me privar do seu amor?
Ou sofre, pois quero ser seu escravo?

AD CLINIAM

*Absens ut praesens tibi sim noctesque, diesque,
Et desiderio permoueare mei:
Me expectes, me te oblectes, sis Clinia mecum
Tota precor, speres me, iubet istud amor.
Hoc mihi si dederis, facies quod nostra requirit,
Quae, nisi sit per te, est inuiolata fides.*

PARA CLÍNIA

Que eu, ausente, presente esteja pra você,
Que você tenha saudades de mim,
Me deseje, comigo se deleite e esteja
Toda, me espere: o amor ordena isso.²⁷
Assim, fará o que exige nosso compromisso,
Que, por mim, permanece inviolado.

AD CLINIAM

In te cum mittit cautus sua tela Cupido,

²⁶ Os poemas desse livro foram traduzidos anteriormente por Silvia Helena Campanholo em sua Dissertação de Mestrado, disponível no Portal de Teses da USP. Nossa tradução se apoia em seu trabalho pioneiro.

²⁷ Os quatro primeiros versos deste epigrama, conforme a técnica da *variatio in imitando*, são baseados na fala do jovem Fédria à sua amante, a cortesã Taís, na peça *O Eunuco*, de Terêncio, ato 1, cena 2, v. 191-195: *egone quid velim? / cum milite isto praesens absens ut sies; / dies noctesque me ames, me desideres, / me somnies, me exspectes, de me cogites, / me speres, me te oblectes, mecum tota sis*. O recurso à intertextualidade transfere ao epigrama renascentista o caráter de fidelidade das personagens da peça, envolvidas numa trama semelhante de afastamento.

*Occupat incautae pallidus ora color.
In te nec prius is cessat uibrare sagittas,
Quin redeat gratus laesa per ora color.
I, nunc, et dicas nil posse Cupidinis arcum,
Quo ferit ille homines, quo ferit ille Deos.
I, nunc, et discas pueri placare furorem.
Nam uitae in te ius, ius quoque mortis habet.*

PARA CLÍNIA

Quando Cupido os dardos lhe atira, prudente,
Pálido fica seu rosto imprudente.
E enquanto ele não para de lançar-lhe as flechas,
A cor não volta ao seu rosto ferido.
Vai, diz que o arco de Cupido nada pode,
Ao ferir homens, ao ferir os deuses!
Vai, aprende a aplacar o furor do menino!
Pois dele é o poder da vida e da morte.

AD CLINIAM

66

*Me languere facis, te offendi Clinia nunquam:
Nil ultra scribis, nec petis ipsa ubi sim.
Attamen ipse aliam dominam non Clinia quaero.
Quam mutem mentem, uel prius emoriar.*

PARA CLÍNIA

Me deixa triste, não a encontro, Clínia, nunca:
Não me escreve mais, nem busca onde estou.
Mesmo assim, Clínia, não procuro outra senhora.
Antes morrer que mudar meu desejo.

TVMVLVS CLINIAE

*Hoc tumulo, dicam? Quam durum est dicere, uatis
Clinia Vulteii, uitaque morsque iacet.*

O TÚMULO DE CLÍNIA

Neste túmulo... digo? Quão duro é dizer:
Jaz Clínia, do poeta vida e morte.

ALIVD

*Caecus amor, mors caeca mihi rapuere puellam,
Plus oculis semper quae mihi chara fuit.
Quaeris cur fuerit telis confossa duobus?
Sola id non potuit mors, neque solus amor.*

OUTRO

Cegos, a morte e o amor me roubaram a garota,
Que sempre foi mais cara que meus olhos.
Por que foi morta assim por dois dardos? Quer saber?
Não pôde a morte, só, nem só, o amor.²⁸

ALIVD

*Mors, ne immortalis fieret mea Clinia tandem,
Abstulit hanc, falsa est spe tamen illa sua.
Quod mors, fecit amor: Veneris ne Clinia formam
Vinceret, at pueri nil ualuere doli.
Namque immortalis supera nunc regnat in aula,
Aduentu et Venerem cogit abire suo.
Iam puerum cum morte nihil non posse, fatere.
Dum nocuisse uolunt, tum duo tela iuuant.*

67

OUTRO

Para não se tornar minha Clínia imortal,
A morte a levou; mas, ela se engana.
O amor agiu igual, pra Clínia não vencer
A bela Vênus; mas não adiantou.
Hoje, imortal, no trono celeste ela reina,
E assim, obriga Vênus a partir.
Nada pôde o menino, aliado da morte.
Ao contrário, os dois dardos ajudaram.

ALIVD

Cum de iudicio Paridis noua iurgia miscent

²⁸ O humanista português António de Gouveia, também pertencente à república das letras de Lyon na década de 1530, publicou um epigrama (I, 32), em 1539, no qual, de forma semelhante, descreve o uso de dardos tanto pelo amor quanto pela morte. *Vide* Lima (2007, p. 290). Segundo Sez nec, discussões sobre os atributos e a aparência dos deuses pagãos “were certainly thoroughly familiar to the Renaissance academies, where Cupid's arrows, his wings, and his bound eyes were favorite topics of discussion” (SEZNEC, 1961, p. 102).

*Iratae inter se, Iuno, Minerua, Venus:
Haec renouata timens ne lis turbaret Olympum
Iuppiter, has supero priuat honore Deas.
Cliniam et ad sese subito uocat, haec mihi dixit,
Expulsis fuerit pro tribus una satis.*

OUTRO

Quando Juno, Minerva e Vênus, furiosas,
A decisão de Páris discutem,
Temendo que de novo a briga agite o Olimpo,
Júpiter tira essas deusas do céu.
Rápido chama Clínia até si, me dizendo:
“No lugar das três, uma bastará”.²⁹

²⁹ Os quatro últimos poemas desta antologia retratam a morte e divinização de Clínia. É de notar a graduação representada nos poemas. No primeiro, é anunciada a morte da *puella*, e exprime-se uma síntese de vida e morte. No segundo, é revelado o processo da morte, amalgamando-se, agora, amor e morte. O terceiro epigrama, uma variação do anterior, narra a apoteose de Clínia, imortalizada e substituída de Vênus. No quarto e último poema, finalmente, atingindo o auge dessa progressão, vemos uma divinização cristianizada da mulher amada, que substitui as três deusas do panteão clássico e passa a reinar nos céus como única divindade. A conclusão do epigrama, dialogando com o monoteísmo cristão, é eloquente: *pro tribus una satis*, isto é, no lugar das três, uma só é suficiente. Essa sequência de epigramas é analisada por Campanholo no capítulo “Divinização”, de sua Dissertação de Mestrado, que vê, na expulsão das deusas do Olimpo, uma possibilidade de “reformulação moral cristã” do mito. Cf. Campanholo (2018, p. 65-77).

REFERÊNCIAS

BEER, Susanna; ENENKEL, Karl; RIJSER, David. **The Neo-Latin Epigram: a learned and witty genre**. *Supplementa Humanistica Lovaniensia XXV*. Leuven: LUP, 2009.

CAMPANHOLO, Silvia Helena. **Tradução e análise do Liber Primus, da obra *Inscriptionum Libri Duo*, de Jean Visagier**: a imitação dos clássicos no Renascimento. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-27092018-100126/publico/2018_SilviaHelenaCampanholo_VCorr.pdf

FOSTER, Leonard. **The Icy Fire: Five Studies in European Petrarchism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

GALAND, Perrine. L'Élégie *In Violas* de Politien : création poétique et réflexion métatextuelle. **Bulletin de l'Association d'étude sur l'Humanisme, la Réforme et la Renaissance**, Lyon, n°23, p. 15-33, 1986.

GLARE, P.G.W. **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1996. [Abreviado como *OLD*]

LAURENS, Pierre. **L'abeille dans l'ambre**. Célébration de l'épigramme de l'époque alexandrine à la fin de la Renaissance. 2ª edição, revista e ampliada. Paris: Les Belles Lettres, 2012.

LAURENS, Pierre. **Anthologie de l'épigramme: de l'Antiquité à la Renaissance**. Paris: Gallimard, 2007.

LEROUX, Virginie. Jules-Cesar Scaliger juge de Politien. **Camenae**, Paris, n°22, dezembro de 2018. Disponível em <http://saprat.ephe.sorbonne.fr/media/d7ca2f41e0d8a515ac998be3d928cf06/camenae-22-article-4-v-leroux.pdf>

LIMA, Ricardo da Cunha. **A presença clássica na poesia neolatina do humanista português Antônio de Gouveia**. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em

https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-06122007-113357/publico/TESE_RICARDO_DA_CUNHA_LIMA.pdf

OLIVA NETO, João Angelo. Introdução. In: CATULO. **O livro de Catulo**. São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVA NETO, João Angelo. 11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. **Cadernos de Literatura em Tradução**, São Paulo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP), nº 15, p. 151-184, 2015.

SEZNEC, Jean. **The survival of the pagan gods: the mythological tradition and its place in Renaissance humanism and art**. Nova York: Harper Torchbooks/The Bollingen Library, Harper & Brothers, 1961.

VISAGIER, Jean. *Epigrammatum Libri Duo*. Lyon: Sébastien Gryphe, 1536.

VISAGIER, Jean. *Epigrammatum Libri Quattuor. Xenia*. Lyon: Michel Parmentier, 1537.

70

VISAGIER, Jean. *Hendecasyllaborum Libri Quattuor*. Paris: Simon de Colines, 1538a.

VISAGIER, Jean. *Inscriptionum Libri Duo. Xeniorum Libellus*. Paris: Simon de Colines, 1538b.

Data de envio: 31/03/2020
Data de aprovação: 01/06/2020
Data de publicação: 02/07/2020